Interpretação e oposição

1. Há vários modos de evitar avançar com uma conversa sobre oposição ao *status quo*:
2. separar os factos/experiência/convicções das teorias/imaginação/reconhecimento da ignorância – distinguir a sabedoria proletária da sabedoria académica – como quem distingue as convicções de capela (autárcicas ou de vanguarda) das ambiciosas teorias universais (científicas e imperiais), modo usado pelo Zé nos seus emails, ou pelo Giorgios em Palmela;
3. reconhecer a incompetência perante a nuvem de argumentos, aumentada com a internet, perante a necessidade de divisão de trabalho (Descartes) em disciplinas temporariamente autónomas que se justaporão quando houver necessidade de ver o todo, usado pelo Miguel nos seus emails;
4. Há modos de contribuir para a conversa, como o usado pelo Nicholas, quando traz a religião ou a filosofia (ética, estética) para reforçar este ou aquele ambiente criado por um ou outro argumento, dando-lhes consistência diferente, mais forte.
5. Chamo ciência centrípeta ao primeiro tipo de abordagem do conhecimento, que é a que se pratica nas universidades, incluindo nas ciências sociais, por razões de subordinação aos poderes instituídos, em torno dos estímulos financeiros através dos quais os sábios se vendem à situação.
6. No caso da economia, isso resultou no monopólio da teoria neo-clássica. No caso da sociologia resultou na contra posição solidária (na defesa das ciências sociais e da sociologia, através das respectivas associações) entre as teorias académicas (ou teorias moderadas ditas desligadas da política, tipo ISCTE) e as teorias críticas (ou teorias radicais ditas empenhadas em políticas de resistência (à quê? ao neoliberalismo) de esquerda verdadeira, tipo Coimbra). A existência de ciências pós-modernas (UNL) em que todos (os que escrevem) se sentem como autores livres das duas escolas herdeiras da Guerra Fria atravessa ambas as escolas, usando o vácuo da discussão para sobreviver aos controlos políticos e económicos através da liberdade académica.
7. As 3 versões da sociologia, como a única sobrante da economia, estão de acordo que a finalidade da ciências sociais é apontar (ou ajudar) políticas públicas para melhorar a vida das pessoas e evitar o colapso das sociedades, tensas por causa de questões político-económicas, em particular pela urgência da necessidade do crescimento continuo do PIB, sem o que toda a civilização (a melhor de que há memória) pode desabar.
8. O estudo cartesiano das desigualdades, disciplina a disciplina, é central nesta estratégia de servir a aliança entre o estado e a economia, com a sociedade pensada como recursos humanos instáveis a orientar e a disciplinar.
9. As cs centrípetas (disciplinadas e separadas entre si) dependem do estado e do poder económico para seu próprio financiamento, e correspondem à situação de restrições crescentemente impostas com subordinação ao estado-economia, isto é, mantêm vivas as barreiras sociais e intelectuais entre os níveis técnicos e políticos de intervenção, patrulhando energicamente as fronteiras disciplinares e subdisciplinares (como territórios conquistados ou propriedades) e os direitos de produzir relatórios disciplinares ou transdisciplinares. Através desta divisão, reforçam a separação entre o nível social técnico e o nível social das decisões de acção ordenadas por administradores privados ou públicos (nível político, ideológico, que, teoricamente, não deveria ter influência na produção científica, embora todos reconheçam que isso jamais aconteceu ou acontecerá). Reforçam igualmente, quiçá principalmente, a legitimidade social e cognitiva de separação em níveis estanques entre pessoas e conversas e conhecimentos. Reforço da alienação social e mental das pessoas.
10. Cabe eventualmente aos cientistas, dispostos a tal, participar, como cidadãos livres e iguais, como comentadores, nos protestos contra decisões erradas dos administradores, sem nunca por em causa o seu lugar académico ou técnico, de nível superior mas, ao mesmo tempo, inferior do nível social e intelectual onde se tomam decisões.
11. Os comentadores não podem usar outras referências teóricas que não sejam as das escolas instituídas, evidentemente coincidentes com partidos políticos, porque há dificuldade do público entender argumentos sem escola e porque os partidos estão no terreno precisamente para dividir e reinar, mobilizando sabedorias de dominação decantadas por séculos. Sabedorias, como apontou Foucault, se confundem com os poderes, com a divisão de poderes entre o executivo (economia política), o representativo (ciência política) e o judicial (teologia e direito). Divisão que radica na organização cartesiana de um mundo duplo, da res extensa ou natureza e do pensamento ou inspiração divina que pode ser disciplinada. Divisão também entre os trabalhadores e os intelectuais.
12. É possível fazer ciência centrífuga: disciplinada mas aberta à discussão todo o azimute dos conhecimentos, tanto do ponto de vista do que parece ser – os factos e as suas interpretações estabelecidas – como do ponto de vista do que pode vir a ser – pensar processos de transformação, de evolução, incluindo o pensamento como natureza em transformação e evolução.
13. Há o risco do efeito centrípeto ser imoral, como na Revolução Cultural, caso não se atenda – como bem notou o Miguel – àquilo que de bom se tenha feito anteriormente, apesar das condições adversas ao conhecimento que sempre irão impender sobre a humanidade.
14. Exemplo das prisões: